

## CÂNTICOS DOS CÂNTICOS

*Artur Eduardo Benevides*

1.

Nunca se sabe onde o sertão começa.  
Nunca se viu onde o seu chão termina.  
O sertão, arco-íris que regressa,  
é uma canção em nós. Ou nossa sina.  
É o pátio assombrado da fazenda.  
Uma velha e pálida moenda.  
Uma vida de dor e disciplina.  
É uma valsa deixada na quermesse.  
O lobisomem, em lenda, se anoitece.  
Ou uma saudade imensa e peregrina.

2.

O sertão  
é o meu coração preso num rio.  
A mata entrecerrada. O desafio.  
As arapongas, nas albas, martelando.  
O dia, em tons vermelhos, despertando.  
Ou um violão à luz de acetilena.  
Brancas redes armadas. E um solene  
redespertar de fé nas procissões.  
É um tiro de fuzil, além, distante,  
a pôr o nosso sono expectante  
nas casas-grandes e povoações.

3.

O sertão  
são infindas contendidas de famílias.  
São ouros do Império. São mobílias  
de cedro, mogno e jacarandá.  
São as brigas de foice e de jucá.  
Ou lutas por heranças. Ou cheganças.  
Ou o bumba-meu-boi. Os carcarás.  
O fogo-pagou. As noivas nos sofás.

4.

É a prece de sol de um curandeiro.  
São carnes assadas num braseiro.  
É um poldro valente a relinchar.  
Ou o meu rifle a afugentar ciganos.  
Os meus olhos altivos, soberanos.  
Ou o tempo vagando, devagar.

5.

O sertão  
são azulões. São verdes camaleões.  
São canários e velhos campanários.  
É a densa caatinga. O carrascal.  
O balir de ovelhas no curral.  
O mistério ancestral dos caiporas  
numa estrada deserta, em altas horas.  
Ou as violas, ao longe, enlugaradas.  
E a espera das chuvas e floradas.

6.

O sertão  
é a sagrada hora e vez da apartação.  
A memória do açude que morreu.  
A força solitária de Anteu.  
Ou minha santa e bela romaria.  
A igreja no fim da sesmaria.  
Os verdes canaviais. Os carnaubais.  
Ou o doce embonecar de pés-de-milho.  
O meu cavalo árdego e tordilho.  
Meus velhos embornais.

7.

Ai, existência múltipla e estóica!  
Longa História de amor. Canção heróica.  
Meu rincão leal e verdadeiro  
lembrando a insurreição de Juazeiro.  
Ou a República do Icó. A Confederação  
do Equador, em eterna pulsação.  
E o longínquo tropel dos cangaceiros.

Os alazões. Os bravos cavaleiros.  
Os que não temem sustos nem visagens  
e de epopéias ficam personagens,  
Ou que correm na mata e façam bois  
e não pensam no agora e no depois.  
E sendo fortes e valentes sendo  
as secas e as enchentes vão vencendo.

8.

Oh, o sertão!  
Um mar  
de encantação.  
Um mar  
de cantochão.  
Um mar  
(ao norte e ao sul)  
a renovar o azul  
de exílios da canção.  
E há louças de Sèvres. Peças de cristal.  
Há velhos oratórios e genuflexórios.  
E o antigo costume. O ritual.  
O traje de montar do coronel.  
O espírito indômito e revel.  
Os licores. O mocororó.  
Os rapazes jogando dominó.  
E todos, indulgentes e felizes,  
a conservar intérminas raízes.

9.

Ó sertão dos mourões e das taquaras!  
Sertão dos bochornos e coivaras.  
Sertão das tanajuras e capoeiras.  
Dos camirangas. Das soalheiras.  
E das araras.  
Sertão das recatadas camarinhas.  
Sertão das bênçãos e das ladainhas.  
Sertão das juras. Das desventuras.  
Das doces olas. E das gaiolas.  
E andorinhas.  
Mas como a morte a surpreender  
minha vontade de viver  
a seca estende a sua mão

pela amplidão.  
E as ovelhinhas (engraçadinhas)  
talengolangam pelos cercados  
abandonados.  
E tudo dói na solidão.

10.

Ó grandes feiras! Ó nuvens caminheiras!  
Ó dança heróica do maneiro-pau!  
E o açum-preto. O errante bacurau.  
Os segredos no fundo do baú.  
O olhar aquilino do urubu.  
Os ermos. Os tabuleiros.  
As batidas dos ferreiros.  
E nas botas de couro cru.

11.

Ó sertão do cavalo-do-cão!  
Das cigarras. Das almanjarras.  
Do besouro mangangá.  
Das formigas. Das espigas.  
Do sisal. Do caroá.  
Ó serestas perdidas! Tristes cançonetas!  
Ó Áfricas doendo no canto das mães-pretas!  
Ó Europa chegando  
na canção da espada de Rolando!  
E os antigos cantares de Provença?  
E as honras do nome? A velha crença?  
A bela Cantiga do Vilela  
na sala iluminada à luz de vela.

12.

Ó vero amor vivido com ardor!  
E as histórias de cousas encantadas?  
As orações. Parlendas. Consoadas.  
E os feitos dos índios, mesmo agora,  
brilhando como outrora?  
Tudo é sertão. É mito e encantação.  
E lanço sobre os sonhos o meu laço,  
colhendo os fragmentos, passo a passo.

13.

Ó chão dos meus aléns  
e meus teréns!  
Sertão do muçambê  
sertão de massapê  
sertão da caninana  
sertão da muçurana  
sertão do mucunzá  
sertão do jatobá  
sertão do tejuacu  
sertão do sanhaçu  
sertão do gravatá  
sertão do Ceará!

14.

E não se sabe onde o sertão começa.  
Nunca se soube onde o seu chão termina.  
Mas sua alma em nós está impressa  
e vem de antigos ritos, peregrina.  
É uma glosa na voz de violeiros.  
São estranhas memórias de guerreiros.  
Ou o doce olhar de dengue das meninas  
a iluminar as matas matutinas.  
É o meu burro cardão, passarinhoiro.  
O meu espírito forte, aventureiro.  
Ou o sino das seis.  
Ou o ferro em brasa no lombo de uma rês.

15.

Meu sertão! Quanta emoção!  
Meus caboclos valentes nas tocaias,  
Meus papagaios me passando vaias.  
Minha fábula. Minha dimensão.  
Minhas nambus e meus mandacarus,  
Minha terra despida e abandonada.  
Minha Amada. Minha pobre Amada.  
Minha gente, com fé, sempre lutando.  
Ou abrindo roçados. Ou sonhando.  
Sem nunca se assustar. E sem ter pressa.

E jamais soube onde o sertão começa.  
E seu rosto nos chega em grã surdina.  
É sombra do eterno e não termina.  
E a rósea tarde desce numa valsa,  
qual menina e mulher, nua e descalça,  
dando-se toda, em luz, à poesia,  
ante as fogueiras, no final do dia.

16.

Sertão feroz. Sertão feraz.  
Sertão de guerra. Sertão de paz.  
Sertão: ferreiro da maldição.  
Das estiagens com seu flagelo.  
Do baraço. Do cutelo.  
Das aves de arribação.  
Do tenho-um-pé-de-cá-te-espera.  
Da tradição que se venera.  
Ou dos pais-d'éguas de muitos lotes  
a se espojar pelos serrotes.  
Ou das histórias da Moura Torta.  
De Inês, rainha depois de morta.  
Do Rei Arthur e do Magriço.  
Da lenda viva, de muito viço.

17.

Sertão do côco e do forrobodó.  
De martelos, moirões e outros cantares.  
Dos que já nascem desatando nó  
e lançam suas queixas pelos ares.  
Sertão do sol. Sertão de terras planas.  
De velhos ódios. De paixões tiranas.  
De cascavéis no dorso das caatingas.  
De seridós. Agrestes. Tabatingas.  
De benzeduras. De Superstições.  
De rebeldias e de romarias.  
De legendas frontais nos caminhões.  
De belos bem-te-vis-carrapateiros.  
De caixeiros-viajantes. De arrieiros.  
Do pau peroba. Do baobá.  
Da macaxeira. Da lavadeira  
que lava os sonhos do Ceará.

18.

Igual à voz de um carrilhão  
digo: sertão! sertão! sertão!  
Dos Inhamuns. Do Caldeirão.  
Das capoeiras. Das bolandeiras.  
Das ciganadas. Das goiabeiras.  
Dos galamartes e do pião.  
Sertão das cucas e arapucas.  
Da rês cardã. Do rude afã.  
Do lengo-lengo dos bons burrinhos,  
sob cangalhas, pelos caminhos,  
nas friorentas antemanhãs.  
Chão do Trancoso e do Tinhoso.  
Do fedegoso. Do cansação.  
Dos cariris. Das juritis.  
Da minha grã veneração.  
Sertão de raça. Sertão de caça.  
Sertão de igrejas coloniais.  
Sertão — mistério que nunca passa  
no brilho forte de seus punhais.  
Nos cafundós  
dos bisavós  
reina o demônio pelo sertão.  
Nas vãs procuras  
das aventuras  
tudo se faz com decisão.  
É o meu sertão do sol-e-dó.  
O meu sertão do pão-de-ló.  
Das baraúnas. Das graúnas.  
E do jiló.  
Sertão das tricas e das futricas.  
Das eleições municipais.  
Das maniçobas. Das oiticicas.  
Dos juremais.  
Ó santo mel da jandaíra!  
Ó mil cordéis do Curupira!  
Ó jaçanãs e curiantãs!  
Ó meu sertão!  
Meu imbatível corrupção.  
Minhas comarcas ribeirinhas.  
Meus avelãs. Meus flamboyants.  
Minhas lapinhas.  
E os bacuris e maturis?

Os meus cruéis gatos do mato?  
As milagrosas mãos de beato?  
E os buritis?  
E os meus capulhos de algodão?  
O João-de-barro? O gavião?  
As selas ricas, sob os coxins?  
E as mesas fartas, com seus quindins?

19.

Sertão! Sertão!  
Só me sujigam por traição,  
Vindo de frente ninguém me pega.  
Nunca perdi qualquer refrega.  
Deixo na pele o meu ferrão.  
Se um dia, acaso, entrar em briga,  
se não ganhar Deus me castiga.  
Cabra valente não morre à-toa.  
Derribo um boi, Remo canoa,  
Sou nadador de rio em cheia,  
Nunca temi o nó da peia.  
Sou touro velho: sou barbatão.  
Só vivo em paz no meu sertão.

20.

Meu verso canto. Cravo no chão:  
    Sertão, Sertão,  
    Sertão, Sertão.  
Tudo é poema. Tudo é canção.  
No sonho em fome és o meu pão.  
Meu pão de côco. Meu pão de mel.  
Meu sarrabulho e sarapatel.  
E o nome é sol. A voz, trovão.  
Por isso dóis em solidão.  
E por te amar vivo a cantar:  
    Sertão, Sertão,  
    Sertão, Sertão.  
Sertão de dentro. Sertão geral.  
Na encruzilhada do bem e do mal.

21.

Ai!  
Fronteiras tuas ninguém demarca,  
Domínios teus ninguém abarca.  
És colossal e passional.



Nas leis de Deus tens fé, temente.  
És messiânico e valente.  
És forte. Novilho brabo.  
E enquanto longe me acabo  
escutas longas retretas.  
Vês as Naus Catarinetas.  
Cavalhadas. Marujadas.  
E as cousas reencantadas  
em teu inóspito chão.  
Tens alma ingênua e violenta.  
Se te vais o amor te inventa.  
Mesmo em silêncio és canção.

22.

Ao longe,  
qual vasta sombra do andar de um monge,  
passa, vagarosa, a luz da História.  
E tudo o que se ama é vã memória.  
Ou busca em desconforto a solidão.  
E usamos mesclas e mandapolão.  
E lutamos. Sonhamos. Esperamos.  
No Caicó. No Mossoró.  
No Cariré. No Canindé.  
No Tianguá. No Quixadá.  
Ou no Icó.  
Em qualquer rincão  
o sonho é o nosso chão.  
Lá,  
onde as boiadas nas madrugadas  
enxugam o orvalho do Ceará.

23.

Se fujo de ti — que maldição!  
Do tempo trazes o sim e o não.  
Piso unhas-de-gato e sinto o mato.  
Vejo a flor dos cardeiros e os celeiros  
vazios como os teus rios.  
E com meu sangue, já quase exangue,  
teu nome escrevo com gratidão:  
Sertão! Sertão! Sertão!  
Seeerrrtttãããooo!  
Sertãããããooo!